



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

Prova Escrita de Português/B

12º Ano de Escolaridade

Dezembro de 2004

GRUPO I



Ela canta, pobre ceifeira,
Julgando-se feliz talvez;
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
De alegre e anónima viuvez,

Ondula como um canto de ave
No ar limpo como um limiar,
E há curvas no enredo suave
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,
Na sua voz há o campo e a lida,
E canta como se tivesse
Mais razões p'ra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!
O que em mim sente, 'stá pensando.
Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando!

Ah! poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! Ó céu!
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entra por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!



A ciência, a ciência, a ciência...
Ah, como tudo é nulo e vão!
A pobreza da inteligência
Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha
Como uma santa em sacrifício,
Com quanto esforço dado ralha!
Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!
Rico é o que alma dá e tem.



Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu.

1. Diga qual lhe parece ser o assunto comum nestes três poemas de Fernando Pessoa.
2. Analise comparativamente os três poemas e apresente o anseio impossível expresso em todos eles.
3. Explique o sentido da última estrofe do poema: *A ciência, a ciência*.
4. Como se compreenderia o último verso do poema: *Gato que brincas*, à luz do conhecimento que tem do modernismo.

Grupo II

Resuma este texto constituído por 111 palavras num texto de **35 a 45 palavras**.

Fernando Pessoa era (...) um ser complicado e pouco compreendido por aqueles que o rodeavam, o que não admira, visto ter sido uma pessoa completamente destituída do sentido prático da vida, embora em teoria o reconhecesse. Era fácil viver-se com ele, não se intrometia na vida de ninguém: dedicado por natureza, não dava conselhos, não era exigente, não esperava nada dos outros. Quando queria brincar com os irmãos, inventava histórias mirabolantes, com personagens estranhas que cada um encarnava segundo as suas directrizes. Muito influenciado pelas leituras de Edgar Allan Poe e outros autores de «ghost stories», criou um monstro horrendo a que chamava «Quebranta-Ossos» – talvez inspirado no «Gorila» dos contos de Poe (...).

in, *Eles conheceram-no em vida*, Manuela Nogueira (sobrinha)